



## **Caracterização do Processo de Edição de Textos Didáticos Colaborativos: o Caso Wikibooks<sup>1</sup>**

Bruno de Paula Lemos Tenan<sup>2</sup>

Bruno Rodolfo Mendes Machado<sup>3</sup>

Gustavo Teruo Fujimoto<sup>4</sup>

Marília Chaves<sup>5</sup>

Maria Immacolata Vassallo de Lopes<sup>6</sup>

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo<sup>7</sup>  
São Paulo, SP

### **Resumo**

A pesquisa tem como objetivo observar e analisar a edição de livros didáticos, comparando os processos de criação e edição na mídia tradicional (livro impresso) e na forma colaborativa no espaço virtual proporcionado pela internet. Também é objeto de análise a mudança das relações entre autor e editor no que se refere aos didáticos editados coletivamente. Para tanto, escolhemos como objetos a serem observados a Wikibooks e o processo editorial tradicional. Como referências teóricas, adotamos como referências principais o “Comunicação e linguagem no ciberespaço: análise de curso de educação a distância da Unisul” (BEHLING, 2006), “Cibercultura” (LÉVY, 1999) e “A inteligência coletiva” (LÉVY, 1998).

### **Palavras-chave**

Livro didático; cibercultura; editoração; construções colaborativas; inteligência coletiva.

### **Introdução**

Muito se escreve recentemente sobre a cibercultura e muitas dúvidas surgem sobre o que se escreve. O fato é que a Internet deu suporte ao que conhecemos por sociedade de rede, estabelecendo um novo paradigma sociotécnico, sob o qual

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na sessão Cibercultura e tecnologias da comunicação na linha de Cibercultura e Tecnologias da Informação da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Aluno do curso de Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

<sup>3</sup> Aluno do curso de Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

<sup>4</sup> Aluno do curso de Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

<sup>5</sup> Aluna do curso de Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

<sup>6</sup> Orientadora do trabalho, docente da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo.

<sup>7</sup> Pesquisa realizada para a disciplina Teoria e Método de Pesquisa em Comunicação, ministrada pela Prof. Dra. Maria Immacolata Vassallo de Lopes.



precisamos analisar nossa realidade (CASTELLS, 2003). É permitido que se estabeleçam novos tipos de relações sociais, onde os interesses em comum se sobrepõem às afinidades pessoais. Formam-se comunidades em prol de um interesse comum onde identidades individuais se unem formando uma identidade coletiva, colaborativa e livre. Não que a Internet altere os comportamentos individuais, mas fornece suporte para que certos comportamentos de colaboração surjam. “Podemos dizer que as relações *online* são diferentes das relações de proximidade tipo face a face, mas que essas guardam aproximações com o espaço das teatralizações quotidianas” (LE MOS, 2003), onde a navegação e a interatividade se tornam objetivos primordiais.

Ocorre assim a construção de uma nova identidade que só tem sentido nessa sociedade de rede, no mundo globalizado. A Internet é o espaço das múltiplas identidades caracterizadas por uma variedade de possibilidades e posições de identificação. Esse processo leva a construção de “identidades mais posicionais” (HALL, 2006) que são mais interativas, e colaborativas que identidades individuais.

A construção de textos sem necessidade de planejamento prévio, característica da mídia eletrônica, alterou o modo de escrever e permitiu que várias pessoas construíssem juntas um mesmo documento. Nesse trabalho conjunto, vozes antes silenciosas encontraram espaço para se erguer. Constroem-se laços utilitários, não baseados em afinidades sociais, e comunidades “ligadas a tarefas, a fazer coisas ou a perseguir interesses comuns” (CASTELLS, 2003); escrever pode ser uma dessas tarefas. Nesse quadro que se estabeleceu surgiram diversas iniciativas coletivas de popularização de conteúdos como o caso Wikipédia, enciclopédia colaborativa onde qualquer usuário da internet pode contribuir, sem se identificar, aumentando e corrigindo verbetes.

Já o Wikibooks<sup>8</sup>, (...) é uma coleção de livros abertos que são escritos de forma colaborativa neste *site*. O projeto original em inglês teve início no dia 10 de julho de 2003. A versão em português migrou para uma Wiki própria no dia 22 de julho de 2004 e possui 5 858 artigos trabalhados. O Wikibooks é parte do projeto da Wikimedia, que promove a criação colaborativa de textos com fins didáticos. Existe em resposta a um pedido de um dos colaboradores da Wikipedia, que tinham como meta produzir textos sobre temas como Física e Química Orgânica que colaborassem com ao processo de aprendizagem tradicional. Os livros didáticos tradicionais, embora sejam sempre elaborados por vários autores, têm claramente uma distinção entre o papel do autor e do

---

<sup>8</sup> <http://pt.wikibooks.org/wiki/Wikibooks:Sobre> e <http://pt.wikibooks.org/> (acessado dia 02/06/2008).



editor. Neste novo ambiente onde a produção é feita colaborativamente esta distinção se tornou mais difícil e precisa ser mais bem analisada. Baseados nesse quadro é questionado o papel do editor no processo dessas produções cuja Internet é o suporte, a forma como ele contribui para esta produção e qual seu nível de comprometimento com o produto final.

Temos por objetivo responder a seguinte pergunta: de que forma o processo de edição de textos didáticos se altera em relação aos livros didáticos impressos com o advento Wikibooks?

### **Quadro teórico de referência**

A construção de narrativas em ambientes *online* vem sendo estudada por diferentes autores com diferentes objetivos. A principal preocupação vem da área de design instrucional, que é aplicado como ferramenta cognitiva no processo de desenvolvimento de projetos de ensino e aprendizagem à distância, planejando estruturas de cursos, compreendendo suas atividades, controlando e avaliando o sistema de ensino através da disposição de diversos métodos de instrução, que objetivam facilitar o aprendizado à distância (CAMPOS, 1998). Para isso nos valem de referências ao construtivismo (proposta pedagógica derivada de Jean Piaget), onde a principal premissa é que o conhecimento é um constructo mental, produto da interação do homem com o meio. É também constatado que a mente humana já possui a capacidade de operar com a ampliação e mudança de estruturas de conhecimento, o domínio do conteúdo em tarefas autênticas e a “hiperlinkagem” já são características dos indivíduos, características essas que não combinariam com os métodos lineares de aprender e editar. Por mais que se pense que é algo exclusivo da cibercultura, a informação hipertextual foi buscada pelo homem já outras vezes, encontrando barreiras tecnológicas que impossibilitavam sua plena realização. Conforme exemplifica Janet Murray:

Formatos hipertextuais não são novidade como estruturas intelectuais. O Talmude, por exemplo, é um hipertexto gigante composto por um texto bíblico cercado por comentários de múltiplos rabinos. (...) Embora o hipertexto não seja novo como formato de reflexão e organização de experiências, foi somente com o desenvolvimento dos computadores que a escrita hipertextual foi produzida em larga escala. (MURRAY, 2003, p. 65).



A partir dos conceitos de universalização e totalização (LÉVY, 1999) necessários em uma pesquisa estabelece-se a evolução da transmissão de informação, de meio oral a meio escrito, independentemente assim de tempo e espaço e tornando-se universal; mas a escrita configura uma forma de raciocínio linear e pré-determinada, desenvolvendo-se de modo totalitário enquanto comunicação (o receptor não pode intervir no processo). Com a Internet – e especificamente com o Wikibooks – não há mais totalização, mas mantém-se a universalização do conteúdo, baseado numa interatividade contínua.

Dado o seu potencial de “autodesenvolvimento”, projetado sobre as mudanças tecnológicas e definindo a velocidade com que ocorrem – ainda que haja acesso ao *hardware*, a compreensão do *software*, do que é virtual distancia-se do indivíduo cada vez mais, até se tornar inatingível – devemos reconhecer a exposição dos usuários às desvantagens das redes digitais interativas. São elas formas de dependência da navegação ou de mundos virtuais, de isolamento, de exploração econômica. Dentre a carga negativa do ciberespaço propomos particularmente a questão das formas de dominação, de sobrecarga cognitiva e de “bobagem coletiva” (LÉVY, 1999, p.30).

Ao identificarmos os pontos negativos do ciberespaço, podemos manter o questionamento recorrente sobre a qualidade da edição colaborativa e a necessidade (ou não) de governança do conhecimento para que este tenha credibilidade. O editor tradicional não precisa se preocupar com tais questões, pois se preocupa com a seleção de seus autores e o currículo que eles apresentam já confere credibilidade aos seus nomes, enquanto um editor da Wikibooks se reserva no papel de autor também, já que pesquisa o que escreve, e precisa de uma mentalidade voltada ao respeito pelo leitor para saber até onde pode editar algo que (invariavelmente) será editado de novo. A próprio ciberespaço é prevê em si um processo de retroação positiva, de automanutenção.

Devido a seu aspecto participativo, socializante, descompatimentalizante, emancipador, a inteligência coletiva proposta pela cibercultura constitui um dos melhores remédios para o ritmo desestabilizante, por vezes excludente, da mutação técnica. Mas, neste mesmo movimento, a inteligência coletiva trabalha ativamente para a aceleração dessa mutação. (LÉVY, 1999, p.30)

No contexto de mudanças rápidas de conteúdo com o qual estamos lidando, existe a necessidade de redes e ferramentas de edição, que no contexto estável dos didáticos tradicionais não eram necessários, as ferramentas e os métodos se unem a uma nova mentalidade de construção da mente e de informação, no design instrucional existe



a necessidade de prender o leitor e direcionar seu ritmo de aprendizado, e apesar de ser muito comentado seu uso no meio digital, podemos apontá-lo nas produções tradicionais também, ainda que com menor papel. Quem passa a informação (professor, pesquisador) passa a ser uma instituição coletiva, que exige do aluno uma postura mais ativa a autônoma e a educação hipertextual é uma experiência de construção de sentidos e de formação humana, interativa e não-linear. (BEHLING, 2006).

### **Hipóteses**

1. Os papéis do editor e do autor se confundem nas produções colaborativas sendo os mesmos agentes responsáveis pela seleção, descrição e forma de apresentação dos conteúdos.
2. A edição e a autoria de textos colaborativos ocorrem simultaneamente, diferentemente do processo tradicional onde a autoria e a edição ocorrem em momentos distintos.
3. Em processos de edição tradicionais, o autor precisa ser consultado para aprovar alterações sugeridas ao texto enquanto na produção colaborativa, os autores do texto original não são consultados, o que torna o editor-autor igualmente responsável pelo texto produzido.

Pierre Lévy nos orienta no sentido do ciberespaço ser uma virtualização da realidade já existente, social e culturalmente – sendo, sob este último aspecto mais flexível e dinâmico ao admitir transformações de conhecimentos, novas práticas em rede baseadas em novas técnicas, com grande velocidade. Esta característica, aliás, configura um dos problemas da cibercultura, a partir do paradoxo configurado pela constante/variável da velocidade das transformações, chamado de estado de desapossamento (LÉVY, 1999).

Isto posto, assumimos um particular interesse na apreensão do que ocorre de fato, em rede, relacionado especialmente à editoração de livros. A virtualização do texto já ocorreu e os potenciais da hipertextualidade são explorados de forma cada vez mais intensa e acelerada, para diferentes finalidades. Mas, além disso, há que se pensar hoje na elaboração de um novo instrumento de escrita de livros, assim como novas formas e dinâmicas de leitura. Enquanto processo corrente e verificável, temos autores/leitores/editores na polivalência do ambiente de rede, portanto, a Internet, por



meio de *e-mail*, *chats*, fóruns, comunidades, ambientes virtuais de aprendizagem, *weblogs*, Wikis etc. Manuel Castells reforça que “a Internet é um instrumento que desenvolve, mas que não muda os comportamentos; ao contrário, os comportamentos apropriam-se da Internet, amplificam-se e potencializam-se a partir do que são” na sociedade. De fato, as técnicas condicionam a cultura, mas não a determinam: “o crescimento do ciberespaço não determina o desenvolvimento da inteligência coletiva, apenas fornece a esta inteligência um ambiente propício.” (LÉVY, 1999, p. 29).

### **Amostragem e coleta de dados**

O universo de investigação escolhido é o dos livros colaborativos virtuais criados na Essa escolha se justifica pela rápida difusão no Brasil desses meios, sendo comentados em diversos meios de comunicação, modificando parte do comportamento on-line dos usuários e trazendo novas opções sobre o futuro dos textos didáticos, a adaptação do editor às novas tecnologias. O sujeito da pesquisa, ou seja, a população que se adéqua ao universo citado são os usuários de internet, mais especificamente dos meios colaborativos como a Wikipedia. A Wikipedia foi fundada em 15 de janeiro de 2001, por Jimbo Wales e no momento possui publicações em 257 idiomas ou dialetos e 7,5 milhões de artigos (2,1 milhões em inglês e 370134 em português).

Entre as técnicas de coleta escolhidas estão a pesquisa qualitativa em profundidade baseada em pesquisa exploratória de dados disponibilizados na Wikibooks, e documentação recolhida em outros meios de comunicação, como *sites* e *blogs*, que atuam como facilitadores do processo de produção colaborativa de textos, inclusive didáticos. O objetivo das entrevistas foi conhecer melhor os editores de livros didáticos, sejam eles utilizadores de métodos tradicionais ou colaborativos de edição, estudar seu comportamento como mediador entre autor e leitor, captar as motivações que o fazem escolher ou não o ambiente virtual como meio de atuação, entender como vêm se dando as alterações estruturais no mercado, mesmo com a consciência de que esta pesquisa não conseguirá abarcar a complexidade e a quantidade de personalidades no ambiente virtual.

### **Descrição**

As respostas fornecidas pelos entrevistados, foram comparadas e organizadas de



modo a se observar as tendências de comportamento dentro (edição coletiva) e fora (edição tradicional) de uma sociedade de rede voltada para a criação colaborativa. Nesse processo também entra a documentação (textos didáticos) recolhida junto à Wikibooks e aos *sites/blogs*, fornecedora de material que, devidamente disposto na classificação dos dados, infere na construção do “objeto empírico” da pesquisa, ou seja, na elaboração do fenômeno “alteração no processo de edição de livros didáticos a partir do advento da ferramenta Wiki” através de informações essenciais e interdependentes extraídas do conjunto de indícios obtidos.

No Wikibooks podemos encontrar livros conteúdo aberto, editáveis por qualquer pessoa, se destina aos livros didáticos, de caráter informativo e manuais. Diferente da Wikisource, que coleciona textos que já caíram em domínio público, o conteúdo da Wikibooks é completamente editável. Todo seu conteúdo está sob licença da GNU, o que permite a distribuição e modificação dos textos, mas garante o crédito ao seu autor. As críticas feitas ao Wikibooks são similares à todo o resto dos projetos Wiki, que é a falta de controle, resultando na baixa qualidade de algumas peças, e seu argumento é de que o formato Wiki está em constante aprimoramento, e que a grande quantidade de informações compensa a má qualidade de algumas partes. A versão em português, em 16 de abril de 2008 continha 5679 módulos de livros. Já na edição tradicional é visto um atrelamento dos editores às regras próprias de suas editoras, que, por sua vez, buscam se adequar aos princípios determinados por programas do governo destinados à distribuição de livros didáticos para as escolas públicas, como o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e o Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio (PNLEM). Entre as principais determinações, pode-se destacar a desvalorização de obras que possuem erros conceituais, desatualização, indução a erros, discriminação, entre outros defeitos que acabam por eliminá-los do Guia do Livro Didático. Em 2007, foram gastos R\$661 milhões com o PNLD e R\$221 milhões no PNLEM, o que mostra o tamanho do mercado em questão, segundo dados do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

Durante todo o processo que envolve a produção de livros didáticos, passando pela preparação do original, revisão, apreciação de um parecerista, contato com o autor, com o departamento de arte, acerto dos direitos autorais, diagramação entre outras etapas, até o envio do arquivo final para a gráfica, o editor tradicional desempenha a sua participação exercendo um certo controle sobre essa produção.



Foram entrevistados quatro editores<sup>9</sup> (dois tradicionais e 2 digitais, sendo que um de cada dupla era também pesquisador da área de educação).

### **Análise e interpretação dos dados**

Foi possível fazer paralelos entre os dois “mundos” de edição: o colaborativo e o tradicional. Ao longo da história da Editoração, podemos identificar alguns momentos em que se revolucionaram conceitos e práticas, a exemplo da invenção dos tipos móveis por Gutenberg, em meados do século XV. (CHARTIER, 1999)

No século XX, o ritmo das invenções e inovações técnicas foi intensificado e os meios de comunicação deslocaram-se dos tradicionais suportes físicos para o formato digital. É oportuno que tomemos o decurso dessa evolução segundo a relação entre o objeto editorial, seu aspecto físico, manuseável e provido de forma e plasticidade, e o conteúdo, a intenção comunicadora dos vários tipos de texto (seu componente imaterial, que lhes é universal).

Ao tomarmos o papel do editor, o responsável por unir esses dois elementos num conjunto orgânico, percebemos que as funções adaptaram-se às inovações tecnológicas, ao respectivo contexto histórico, seus valores sócio-culturais e artísticos e seus aspectos político-econômicos. O acesso on-line a músicas, vídeos, jornais, revistas, imagens e textos, os hiperdocumentos, levou naturalmente à concepção de um livro eletrônico que, se a princípio era uma adaptação digital apenas, inclusive da rigidez material do livro para a internet, naturalmente tornou-se hipertextual, uma construção virtual, em adorno com o fluxo-saber não linear e produzido de forma colaborativa.

O primeiro entrevistado, Alexandre Rosado, levanta a questão da leitura hipertextual no cotidiano, mesmo quando se faz necessária a leitura contemplativa: “Quando eu leio jornal no sofá, quando leio um livro na mesa estou praticando esta leitura mais imersiva. A questão é que nível de imersão estamos fazendo. Por exemplo: quando leio a TV está ligada? Vou trocar de canal enquanto leio? Estou com o *notebook* do lado do jornal vendo a previsão do tempo?” (...) “Essa nova forma de mobilidade dos aparelhos digitais cada vez mais impede o ato contemplativo, que eu vejo como complementar à leitura, o momento que paramos mais para pensar e focar em determinado assunto e diminuimos os saltos de

---

<sup>9</sup> Os entrevistados foram: Mônica Vendramin, da Abril Educação; Roberta Martins, da Editora Scipione e pesquisadora; Alexandre Rosado, editor da Wikibooks e pesquisador e Ribamar Souza, editor da Wikibooks.





atenção.” Logo, assim como exemplifica Janet Murray (2003), é apontada a facilidade do homem em utilizar formatos hipertextuais, em gerenciar informações que saem de lugares diferentes num mesmo contexto informativo.

A leitura imersiva passou a ser uma realidade também nos livros tradicionais, como cita a editora tradicional Roberta Martins: “Antes havia crianças comportadas e as hiperativas, hoje todas são hiperativas! Por que eles são capazes de fazer tantas coisas, eles são digitais e multitarefa por natureza, em algum momento o livro vai mudar. Não existe um momento X, mas a transição já está acontecendo, percebemos cada vez mais uma procura por complementos digitais (CD, *site*, bancos de exercícios).”

Até num meio tradicional de edição é reconhecida a necessidade de diferentes chamarizes de atenção, de “hiperlinkagem” para se prender o leitor e fazer o aprendizado ser mais dinâmico, a “hiperatividade” citada por ela nada mais é que a nova demanda (principalmente de crianças em idade escolar) de uma realidade de aprendizagem que abarque diferentes meios, a novo raciocínio da sociedade de rede, que começa a deixar de pensar analogicamente meios que são digitais por excelência. Nesse aspecto, Rosado também levanta a questão “Até que ponto o fato de um ambiente ser digital ele é imersivo? Até que ponto uma turma em sala de aula lendo na tela do computador não reproduz a leitura do livro, a leitura ‘comportada’?”. A imersão citada contribui para diminuição de barreiras e para o engajamento do leitor no tema (BEHLING, 2006, p. 71), já que estar imerso num meio participativo é também aprender a fazer as coisas que o ambiente oferece, trabalhar com suas ferramentas.

Ainda nesse ponto, da dinâmica da leitura, Roberta Martins continua relatando que não haverá textos imensos na internet para se ler com a barra de rolagem, uma prática comum até hoje, ela aponta a mudança mais uma vez: a mudança visual, assim como Lemos exemplifica ao tratar de metáforas relativas à internet, que chamamos de “sítio” os locais de visita na internet, e de “*desktop*” a área de trabalho do computador, e que o pensamento analógico que temos até agora está também se modificando (LE MOS, 2003). Mas não devemos nos enganar, a sociedade atual já é a sociedade de internet (CASTELLS, 2003), com uma interface cada vez mais amigável, rápida e com maior quantidade de links começa a haver uma adequação ao público e suas necessidades de leitura digital, público esse que já concebe naturalmente o conteúdo digital e o formato de hiperlinks.

A internet é interativa por definição, tanto que dentro dos meios de comunicação de massa é o único que depende da atuação do homem para chegar até o mesmo. Ficar



parado na frente do computador não traz informação nenhuma, é preciso selecionar *sites* e navegar, abrir janelas, ao contrário da relação com a televisão ou o rádio. Não existe por que ser diferente quando tratamos de didáticos, a leitura exige a atividade do leitor, que por sua vez, só consegue aprender agindo sobre o texto, ou o meio no qual aprende.

Os reflexos dessa mudança nos livros didáticos são evidentes nos trechos de entrevistas em que tanto os editores tradicionais quanto os digitais enfatizavam a necessidade de se acoplar formas digitais e multimídia no material didático impresso. O modelo Wiki aos poucos perde o preconceito, já que escolas e sistemas de cursos à distância começam a desenvolver seus próprios Wiki, para que os alunos contribuam com trabalhos e comentários, mas a Wikibooks ainda é vista com algum cuidado quando se trata de educação infantil.

O colaborador do Wikibooks usa em defesa da construção colaborativa o argumento da liberdade do público para selecionar o conteúdo, principalmente em épocas de maior fluxo de informação. Ribamar de Sousa, um dos colaboradores mais ativos do Wikibooks, quando explica sobre seu interesse em mídias colaborativas diz “O Wikibooks e a Wikipédia em geral, para mim representam a democracia e a colaboração em termos de informações.” Rosado também segue o mesmo raciocínio: “A internet hoje permite que as publicações sobrevivam por sua necessidade e utilidade. No caso a questão da audiência em si não é uma métrica da qualidade em si, mas é pelo menos da utilidade. Se algo é muito acessado ele é útil para aquele nicho que acessa. Se é de qualidade, é uma questão a se avaliar, dependendo dos critérios do avaliador.” Ele acaba se tornando “autor que querendo ou não sempre é um editor que colhe idéias alheias e as “edita” em novo formato e expressão.”, confirmando as hipóteses do início do trabalho: os papéis de autor e editor não apenas se confundem, mas a edição e autoria ocorrem simultaneamente e todos os autores-editores do livro colaborativo são igualmente responsáveis pelo texto final.

No entanto, especificamente para os livros didáticos, é mencionada pelos entrevistados do ramos tradicional a falta de uma organização específica para a aprendizagem, no sentido da haver um projeto pedagógico ou suporte visual adequado (no caso do leitor adulto que já consegue selecionar informações). No momento em que a editora tradicional cita: “Não só a parte técnica vale, mas a pedagógica também, como que chega a um publico de livro didático um livro sem planejamento pedagógico. Quem é o autor de livro didático? E quem é o autor da Wikibooks? Não está lá. Fora que, no caso da escola regular, é preciso uma articulação do conteúdo, ele não pode estar lá,



jogado”, fica claro que a ausência de uma pessoa capaz de transformar as informações em um produto inteligível dificulta a utilização de livros didáticos colaborativos, tendo em vista que não se trata de “universitário ou no adulto que faz um curso a distância, auto-instrucional”.

A questão pedagógica e visual também interfere na questão da auto-edição, uma vez que “muitos autores usam o computador como máquina de escrever, e não tem noção de qualidade de imagem, de número de palavras por página etc. Até na edição de internet, é preciso um cuidado estático, com o público que vai ler, para que seja o melhor possível, não existem mais capítulos de vinte páginas rolando na terra, trabalhamos com a idéia do hipertexto, isso toma tempo e uma atenção que para o autor (pelo menos em livros didáticos) não é possível: criar, organizar, padronizar de acordo com legislações e design adequado...”

Isso tira um pouco o foco da questão da credibilidade, e leva mais para o nível da “qualidade”, no sentido de um texto estar mais pronto para o leitor digerir, como ele vai se apresentar para público. Isso confere importância ao editor, que segundo Mônica Vendramim “(...) é aquele que, apesar de interferir no produto em edição, tem a função de aprimorar o original, favorecendo a melhor compreensão do conteúdo apresentado.” Já o autor do livro tradicional “sempre será aquele de quem partem as idéias básicas, aquele que “tira o branco do papel”. Já no Wikibooks, o autor é uma figura ausente, uma vez que, como diz Ribamar Sousa “como muito do conteúdo que reúno não é de minha autoria, eu seria mais um editor que autor”, Rosado repete “me considero um autor que querendo ou não sempre é um editor que colhe idéias alheias e as “edita” em novo formato e expressão” (confirmando novamente a segunda hipótese do trabalho, da simultaneidade entre criação e edição no trabalho colaborativo), e a editora tradicional confirma “E quem é o autor da Wikibooks? Não está lá.”. O autor então é visto como uma figura híbrida, sua relação com o editor mudou, é como se não existissem mais autores e sim editores que, ao pegar diversos “pedaços” de conhecimento de vários lugares conferem ao novo texto características pessoais, que logo serão modificadas novamente por um novo editor.

A criação ainda depende de um impulso inicial, quando alguém começa a escrever sobre alguma experiência e sobre seus conhecimentos (normalmente, como no caso de Souza, sobre sua formação e profissão) e nesse momento pode se considerar autor, ou, editor da própria obra quando usa elementos de um trabalho que já fez (como uma tese) para a disponibilização na Wikibooks. E aí encontramos um elemento fundamental



sobre a Wikibooks e seu funcionamento: ela é alimentada em grande parte por trechos de obras da indústria didática tradicional, trechos de teorias, referências a autores publicados no livro impresso, logo, ainda precisa do mercado tradicional para funcionar.

O cenário atual dos sistemas educativos é estabelecido em virtude das possibilidades de superação das restrições de quantidade, diversidade e fluxo de saber. Não só os dispositivos de formação estão saturados, como os custos do ensino são muito altos – e as escolas e universidades virtuais são capazes de solucionar ambos os problemas. Isto ainda considerando que vêm ocorrendo transformações qualitativas, orientadas no sentido da diversificação e personalização do conteúdo (LÉVY, 1999, p. 169). É também interessante ressaltar na entrevista de Roberta Martins que os alunos preferem ter *sites* relacionados a seus livros para poder consultar, enquanto os professores preferem acessar o conteúdo extra em um CD-ROM, a nova geração, “nativa” da internet prefere lidar com a conectividade e a possibilidade de se acessar um conteúdo de diferentes locais.

Nas quatro entrevistas foi entendido que o momento no qual estamos é de transição, logo, é vista uma sinergia entre o meio editorial e o meio colaborativo digital. O paradigma do curso é substituído gradualmente pelo da navegação e entre os métodos clássicos de ensino e a aprendizagem aberta à distância caberá uma diferença cada vez menos significativa (LÉVY, 1999, p. 170). Não é claro, ou assumido por nenhuma das vertentes, mas o meio tradicional cada vez mais e utiliza de recursos do digital-colaborativo para sobreviver e acompanhar as demandas dos novos consumidores de conhecimento. Enquanto o meio digital ainda recorre às bases e pilares do conhecimento citando não autores *online*, mas principalmente livros tradicionais (um indicador de que, até para o autor colaborativo, existe uma credibilidade inquestionável no livro impresso). São duas indústrias que se alimentam, e, em algum momento se fundirão, não no sentido de divisão de papéis, mas de compartilhamento de atuação na construção do conhecimento.

### **Considerações finais**

A proposta inicial deste trabalho foi comparar as formas de edição tradicional e colaborativa (Wikibooks) de modo a esclarecer pontos dos dois processos que pareciam nebulosos: como a relação autor-editor, a dinâmica de leitura em cada meio, as influências dos meios no processo de aprendizagem e edição, e, caracterizar os

processos de edição (tanto tradicional quanto colaborativo), dentro de suas etapas e possibilidades. A motivação do tema se deu pela pouca quantidade de pesquisas na área de editoração, principalmente no que concerne à comparação com meios de edição digital e, principalmente, à pouca atenção acadêmica destinada ao Wikibooks, que pode ser para o profissional de edição um novo nicho de trabalho (e não o fim do livro impresso, como muitos “profetizam”).

Foram confirmadas as seguintes hipóteses propostas no início da pesquisa: os papéis do editor e do autor se confundem nas produções colaborativas sendo os mesmos agentes responsáveis pela seleção, descrição e forma de apresentação dos conteúdos; a edição e a autoria de textos colaborativos ocorrem simultaneamente, diferentemente do processo tradicional onde a autoria e a edição ocorrem em momentos distintos; em processos de edição tradicionais, o autor precisa ser consultado para aprovar alterações sugeridas ao texto enquanto na produção colaborativa os autores do texto original não são consultados, o que torna o editor-autor igualmente responsável pelo texto produzido.

Mesmo com as hipóteses confirmadas, restaram ainda algumas ressalvas, descobertas graças às entrevistas com profissionais da área de edição. A primeira é a ineficiência atual da Wikibooks para transmitir conhecimento a crianças em idade escolar, e também sua falta de qualidade visual em termos de design instrucional e interfaces amigáveis para o aprendiz. São falhas que demonstram o quanto jovem é a ferramenta colaborativa, e, que seguindo o curso das mídias em geral irá se desenvolver de modo a atender o mercado de leitores digitais. O texto tradicional se mostrou cada dia mais híbrido, cada dia mais dependente das mídias digitais para sobreviver como modo de aprendizagem. Ainda não atingiu a produção colaborativa, mas já tangencia suas influências. Escolas adotam seus próprios modelos de Wiki para que os alunos colaborem uns com os outros, e cada dia mais os livros didáticos precisam de *sites* interativos e CD-ROMs que os acompanhem para serem aceitos no mercado.

Do ponto de vista da democratização eletrônica da leitura, podemos afirmar que já o livro eletrônico demandava de pouco custo para ser produzido e armazenado, além de ter relativamente um acesso mais direto, devido à propagação da informática e as diversas políticas de inclusão digital. Os conteúdos da Wikibooks representam a evolução do conceito, sendo resultado da criação *online* de modo colaborativo e dispondo de interatividade. O potencial da inteligência coletiva é explorado em virtude das competências, da articulação de saberes e experiências e da reforma das mentalidades individuais.



É muito rara a substituição de uma mídia antiga quando frente a uma nova, tanto que nunca se vendeu tantos livros quanto na era digital. Assim a internet não foi o fim da televisão, podemos dizer que o livro didático tradicional, mediado por um editor e uma equipe preparada com papéis definidos, não irá desaparecer. O movimento observado de acordo com as referências teóricas consultadas e as entrevistas foi o de compartilhamento de funções entre meios, logo, para a edição tradicional serão cada vez mais necessários nichos colaborativos, e para a edição colaborativa haverá sempre a necessidade das bases tradicionais e da consulta universal. O editor nesse contexto não está perdido, ou descaracterizado, precisa na verdade assumir a mentalidade de sociedade de rede e “conversar” com os dois meios, de modo a utilizá-los para melhor qualidade (e rentabilidade) de seus projetos.

### Referências bibliográficas

BEHLING, Hans Peder. *Comunicação e linguagem no ciberespaço: análise de curso de ensino a distância da Unisul Virtual*. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem como requisito para obtenção do grau de Mestre em Ciência da Linguagem. Palhoça: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2006.

BRIDI, Vera; CASAS, Luis A; FIALHO, Francisco. *Construção do conhecimento por imersão em ambientes de realidade virtual*. Anais VII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação. Belo Horizonte. 1996. pp. 29-43.

CAMPOS, Gilda H. B. de; CAMPOS, Fernanda C. A.; ROCHA, Ana Regina C. da. *Design instrucional e construtivismo: em busca de modelos para o desenvolvimento de software*. Trabalho apresentado no IV Congresso RIBIE. Brasília: 1998. <http://www.niee.ufgs.br/ribie98/TRABALHOS/250M.PDF>. Acesso em 21 abr. 2008.

CASTELLS, Manuel, Internet e sociedade em rede. In: Denis de MORAES (org.). *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador; conversações com Jean Lebrun*. São Paulo : UNESP/IMESP, 1999.

GÓMEZ CRUZ, Edgar. “Hacia la construcción de una metodología para el estudio de las ‘Comunidades Virtuales’”. *Una propuesta emergente*. 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 11ª. Ed.



LEMOS, André. Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. In: \_\_\_\_\_: CUNHA, Paulo (orgs.). *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003; pp 11-23.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

\_\_\_\_\_. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Pesquisa em comunicação*, São Paulo, Ed. Loyola, 2005, p. 148.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

MOURA, Maria Lúcia Seidl de e outros. *Manual de elaboração de projetos de pesquisa*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

MURRAY, Janet H., *Hamlet no Holodeck, o futuro da narrativa no ciberespaço*. São Paulo: Unesp/Itaú Cultural, 2003.

OLIVEIRA, Maria Regina Momesso de. *Weblogs: a exposição de subjetividades adolescentes*. In: Vanice SARGENTINI e Pedro NAVARRO-BARBOSA (orgs.). *Foucault e os domínios da linguagem – discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004.

ROSADO, Luiz Alexandre da Silva *Autoria textual coletiva fora do âmbito acadêmico e institucional: análise da comunidade virtual Wikipédia e suas contribuições para a educação*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro 2008.

\_\_\_\_\_. “A Wikipédia e suas contribuições para a aprendizagem cooperativa através da autoria textual coletiva”. Artigo apresentado no *XIV ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino*, Porto Alegre – RS 2008.

\_\_\_\_\_. “Autoria coletiva na Educação: análise da ferramenta Wiki para cooperação e colaboração no ambiente virtual de aprendizagem Moodle”. Artigo apresentado no *V E-TIC - 5º Encontro de Educação e Tecnologias de Informação e Comunicação*, Rio de Janeiro – RJ